



# A Santa Sé

---

**DISCURSO DO PAPA BENTO XVI  
AOS BISPOS DAS REGIÕES VII, VIII E IX  
DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL DOS ESTADOS UNIDOS  
DA AMÉRICA EM VISITA  
«AD LIMINA APOSTOLORUM»**

*Sexta-feira, 9 de Março de 2012*

*Queridos Irmãos Bispos*

Saúdo todos vós com afecto fraterno por ocasião da vossa visita *ad limina Apostolorum*. Como sabeis, este ano, desejo meditar convosco sobre alguns aspectos da evangelização da cultura americana, à luz dos desafios intelectuais e éticos actuais.

Nos precedentes encontros reconheci a nossa preocupação relativa às ameaças à liberdade de consciência, de religião e de culto que devem ser urgentemente resolvidas, a fim de que todos os homens e mulheres de fé, e as instituições que inspiram, possam agir de acordo com as suas convicções morais mais profundas. Nesta ocasião gostaria de falar sobre outro grave problema que me apresentastes durante a minha visita pastoral aos Estados Unidos, nomeadamente, a crise contemporânea do matrimónio e da família e, em geral, da visão cristã da sexualidade humana. Com efeito, é cada vez mais evidente que a diminuição do apreço relativo à indissolubilidade do vínculo matrimonial, e a rejeição generalizada de uma ética sexual responsável e madura fundamentada na prática da castidade, levaram a graves problemas sociais que causaram danos humanos e económicos imensos.

Contudo, como o Beato João Paulo II observou, o futuro da humanidade passa através da família (cf. *Familiaris consortio*, 85). Com efeito, «demasiado grande é o bem que a Igreja e a sociedade inteira esperam do Matrimónio e da família fundada sobre o mesmo para não nos comprometermos a fundo neste âmbito pastoral específico; Matrimónio e família são instituições cuja verdade deve ser promovida e defendida de qualquer equívoco, porque todo o dano a elas

causado é realmente uma ferida que se inflige à convivência humana como tal» (*Sacramentum caritatis*, 29).

A este propósito, é necessário mencionar em particular o poder das correntes políticas e culturais que procuram alterar a definição jurídica do matrimónio. O esforço consciente da Igreja a fim de resistir a esta pressão apela para uma defesa do matrimónio como instituição natural constituída por uma comunhão específica de pessoas, essencialmente enraizada na complementaridade dos sexos e orientada para a procriação. As diferenças sexuais não podem ser rejeitadas como irrelevantes para a definição do matrimónio. A defesa da instituição do matrimónio como realidade social é, em última análise, uma questão de justiça, pois implica a salvaguarda do bem da comunidade humana inteira e ao mesmo tempo o direito dos pais e dos filhos

Durante a nossa conversação, alguns de vós falaram com preocupação sobre as crescentes dificuldades encontradas na transmissão do ensinamento da Igreja relativo ao matrimónio e à família na sua integridade, e sobre a diminuição do número de jovens que se aproximam do sacramento do matrimónio. Certamente, temos que reconhecer algumas carências nas catequeses dos últimos decénios que, por vezes, não conseguem comunicar a rica herança da doutrina católica sobre o matrimónio como uma instituição natural elevada por Cristo à dignidade de sacramento, a vocação cristã dos cônjuges na sociedade e na Igreja e a prática da castidade conjugal. Este ensinamento reafirmado cada vez mais claramente, pelo magistério pós-conciliar e apresentado de forma completa quer no *Catecismo da Igreja Católica* quer no *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, deve readquirir o seu lugar na pregação e no ensinamento catequético.

A nível prático, os programas de preparação matrimonial devem ser atentamente revistos para garantir que haja uma maior concentração sobre as suas componentes catequéticas e sobre a apresentação das responsabilidades sociais e eclesiais que o matrimónio cristão comporta. Neste contexto, não podemos ignorar o grave problema pastoral que a prática generalizada da convivência representa, muitas vezes por parte de casais que parecem ignorar que seja um grave pecado, além de representar um dano para a sociedade. Encorajo os vossos esforços a fim de desenvolver normas pastorais e litúrgicas claras para uma celebração digna do matrimónio, que sejam um testemunho inequívoco das exigências objectivas da moral cristã, demonstrando ao mesmo tempo sensibilidade e solicitude para com os casais jovens.

Gostaria também de manifestar o meu apreço pelo programa pastoral que estais a promover nas vossas dioceses e, especialmente, pela apresentação clara e competente da doutrina da Igreja na vossa Carta de 2009 *Marriage: Love and Life in the Divine Plan*. Aprecio também tudo o que as vossas paróquias, escolas e organismos caritativos fazem quotidianamente a fim de apoiar as famílias e ajudar quantos se encontram em situações matrimoniais difíceis, especialmente os divorciados e separados, os pais solteiros, as mães adolescentes e as mulheres que pensam abortar, assim como as crianças que sofrem os efeitos trágicos da desagregação familiar.

Neste grande esforço pastoral é necessariamente urgente que a comunidade cristã inteira volte a apreciar a virtude da castidade. A função integrativa e libertadora desta virtude (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2338-2343) deve ser frisada por uma formação do coração, que apresente a concepção cristã da sexualidade como fonte de liberdade autêntica, de felicidade e de realização da nossa vocação fundamental e inata para o amor. Não se trata de apresentar meramente argumentos, mas de apelar para uma visão humana da sexualidade íntegra, coerente e edificante. A riqueza desta visão é mais sólida e atraente em comparação com as ideologias permissivas exaltadas nalguns âmbitos; estas, de facto, constituem uma forma poderosa e destruidora de contra-catequese para os jovens.

Os jovens precisam de conhecer o ensinamento da Igreja na sua integridade, não obstante possa ser desafiador e contra-cultural; ainda mais importante, necessitam vê-lo encarnado por cônjuges fiéis que dão um testemunho convincente da sua verdade. Além disso, devem ser apoiados na sua luta para fazer escolhas sábias num momento de vida difícil e confuso. A castidade, como o *Catecismo* nos recorda, supõe «uma aprendizagem do domínio de si, que é uma pedagogia da liberdade humana» (2339). Numa sociedade que tende cada vez mais a confundir e, até mesmo, a ridicularizar esta dimensão essencial da doutrina cristã, é necessário tranquilizar os jovens sobre a realidade de que «quem faz entrar Cristo nada perde, nada absolutamente nada daquilo que torna a vida livre, bela e grande» (*Homilia, Santa Missa para a inauguração do ministério petrino*, 24 de Abril de 2005).

Gostaria de concluir recordando que todos os nossos esforços neste âmbito estão orientados fundamentalmente para o bem das crianças, que têm o direito imprescindível de crescer com uma compreensão saudável da sexualidade e do lugar que lhe pertence nas relações humanas. As crianças são o maior tesouro e o futuro de toda a sociedade: cuidar realmente delas significa reconhecer a nossa responsabilidade de ensinar, defender e viver as virtudes morais que são a chave para a realização humana. Espero que a Igreja nos Estados Unidos, mesmo se refreada pelos acontecimentos dos últimos decénios, possa perseverar na sua missão histórica de educar os jovens e, deste modo, contribuir para a consolidação de uma vida familiar saudável que é a garantia mais segura da solidariedade intergeracional e da saúde da sociedade no seu conjunto.

Confio a vós e aos vossos irmãos Bispos, juntamente com o rebanho entregue aos vossos cuidados pastorais, à amorosa intercessão da Sagrada Família de Jesus, Maria e José. Concedo-vos de bom grado a minha Bênção Apostólica como penhor de sabedoria, força e paz no Senhor.

---

